



**Serviço Público Federal  
Universidade Federal da Bahia  
Escola de Teatro  
Colegiado de Graduação**

**HABILIDADE ESPECÍFICA - B.I. ARTES  
AREA DE CONCENTRAÇÃO: TEATRO – 2018.2**

Data: 03/08/2018

Horário: 17h

Local: será divulgado posteriormente

BANCA: Prof. Dr. Marcus Villa (ETUFBA) , Profa. Dra. Joyce Aglae Brondani (ETUFBA) e Prof. Ivan Maia (BI Artes)

**Seleção:**

**Etapa 01:** Prova prática (coletiva): jogos e improvisação teatral/corpo e voz

A prova prática constará de exercícios de técnica e improvisação teatral voltados para a criação cênica, conduzidos pelos membros da banca - 40 a 60 min.

Critérios:

- a) Desenvoltura psicomotora;
- b) Agilidade, atenção, prontidão;
- c) Espontaneidade, criatividade;
- d) Relacionamento e integração grupal

**Etapa 02:** (individual): monólogo e entrevista (imediatamente após a prova coletiva)

Os candidatos apresentarão, de modo livre, 01 (hum) monólogo escolhido a partir das listas em anexo (3 minutos).

Em seguida, a banca realizará uma breve entrevista com questões referentes a motivações e propósitos e às escolhas artísticas feitas pelo estudante para realização do monólogo (5 minutos).

Critérios:

- a) Capacidade de compreensão do texto;
- b) Presença cênica (atenção, agilidade, uso de recursos vocais e corporais);
- c) Transposição do texto para a cena;
- d) Espontaneidade, criatividade.

## Cronograma

<b>DATA</b>	<b>HORA</b>	<b>ATIVIDADE</b>	<b>LOCAL</b>	<b>DURAÇÃO</b>
03/08/18	17h	<b>Etapa 01 (coletiva)</b> Prova Prática (jogos e improvisação teatral/técnica corpo-voz)		40 a 60 min
03/08/18	17:40h	<b>Etapa 02 (individual)</b> Monólogos/ entrevista		Monólogos: 3 min Entrevista: 5 min*

\*Tempo médio estimado por candidato.

HABILIDADE ESPECÍFICA – BI ARTES  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO - TEATRO

MONÓLOGOS

***CORPO FECHADO***<sup>1</sup>

MANUEL FULÔ – Pois o senhor não imagina que, ao depois, o miserável desse Adejalma, só por medo da minha macheza, me convidou, mais o tropeiro, p'ra beber com ele e fazer companhia?... O tropeiro agradeceu e não aceitou e não aceitou, mas eu fui, porque não sou soberbo... Pois o senhor não acredita que o canalha foi encomendando despesas, e me elogiando e respeitando, até que eu fiquei assim meio escurecido, e aí ele foi-se embora e me deixou sozinho p'ra eu ter de pagar tudo, por perto de uns quatro mil-réis? ... É ou não é p'ra uma pessoa correta ter raiva? É ou não é?!... Cachorro! Morreu de erisipela na cara... E o Miligido? Esse era homem bom... Homem justo. O que ele era era preto... Mais preto do que os outros pretos, engomado de preto... Eu acho que ele era preto até por dentro! Mas foi meu amigo. Valentão valente, mesmo. Um dia ele me deu uma escova de dente, quase nova... Eu acho que ele encontrou a tal nalgum lugar e não sabia que serventia aquilo tinha...

***ELES NÃO USAM BLACK-TIE***<sup>2</sup>

TIÃO – (*num grande desabafo*) – Medo, está bem Maria, medo!... Eu tive medo sempre!... A história do cinema é mentira! Eu disse porque eu quero sê alguma coisa, eu preciso sê alguma coisa!... Não queria ficá aqui sempre, tá me entendendo? Tá me entendendo? A greve me metia medo. Um medo diferente! Não medo da greve! Medo de sê operário! Medo de não saí nunca mais daqui! Fazê greve é sê mais operário ainda!... Maria, minha dengosa, não chore mais! Eu sei, tá errado, eu entendo, mas tu também tem que me entendê! Tu tem que sabê por que eu fiz! Mas para de chorá! Se você quisé eu grito pra todo mundo... que eu sou um safado! (Gritando para a rua) Eu sou um safado!... Eu traí... Por que eu tenho medo... Por que eu quero bem! Por que eu quero viver! E viver não é isso que se faz aqui!

***PEQUENOS BURGUESES***<sup>3</sup>

NIL – Não, Petroushka, não! Viver, mesmo sem estar apaixonado, já é uma excelente ocupação. Viajar nas piores

---

1

ROSA, João Guimarães. *Corpo Fechado*. In: Sagarana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 273. Texto adaptado.

2 GUARNIERI, Gianfrancesco. *Eles Não Usam Black-Tie*. In: **Teatro de Gianfrancesco Guarnieri**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987. O monólogo foi adaptado. Juntaram-se as falas do diálogo que se encontra nas páginas 103 e 104.

3 GÓRKI, Máximo. *Pequenos Burgueses*. São Paulo: Brasiliense, s.d. p. 114.

locomotivas, debaixo da chuva e vento, em plena tempestade de neve... tudo, na Terra, está tapado com as trevas, sepultado pela neve... é cansativo viajar num tempo desses, é até mesmo perigoso... mas mesmo assim, isso tem um certo encanto... existe encanto!... Só há uma coisa que eu acho absolutamente desprovida de encanto: é que nós devemos obedecer, eu e outras pessoas, aos canalhas, aos imbecis, aos ladrões. Mas a vida não pertence inteiramente a eles! O futuro não é deles! Eles vão desaparecer como desaparece um abscesso num organismo sadio! Não existe nada na vida que não possa alterar, mudar!...

#### ***O ANJO DE PEDRA***<sup>4</sup>

JOHN – Há algum tempo atrás eu teria nojo só de pensar nisso. Mas agora, não Rosa! (*Pega-lhe o pulso, fazendo-a parar de dançar.*) Rosa Gonzáles! Será que alguém caiu tão depressa como eu este verão? Ha-ha! Como um porco sebo. (*Larga-a. Rosa se apóia à D. da escrivaninha, olhando-o.*) No entanto, eu mudo de terno todas as noites. Ponho um terno limpo todas as noites. Tenho uma dúzia. Seis no guarda-roupa e seis lavando. No meu rosto não há o menor sinal de depravação. Passei todo o verão aqui, *assim*, recordando a noite anterior, antegozando a próxima! O meu problema é que eu devia ser capado. (*Levanta-se bruscamente com a garrafa e o copo. Cambaleia até (...) a escrivaninha, onde os deixa. Rosa atira-se ao sofá, chorando.*) Dance, Rosa!! Por que é que você não dança? (*Vai até ela e a puxa, erguendo-lhe as mãos bem alto.*) O que foi que aconteceu, Rosa? Por que não continua a dançar

#### ***JUDAS EM SÁBADO DE ALELUIA***<sup>5</sup>

Faustino – Maricota, minha vida, ouve a confissão dos tormentos que por ti sofro. (*Declamando:*) Uma idéia esmagadora, idéia abortada do negro abismo, como o riso da desesperação, segue-me por toda a parte! Na rua, na cama, na repartição, nos bailes e mesmo no teatro não me deixa um só instante! Agarrada às minhas orelhas, como um naufrago à tábua de salvação, ouço-a sempre dizer: - Maricota não te ama! Sacudo a cabeça, arranco os cabelos (*faz o que diz*) e só consigo desarranjar os cabelos e amarrotar a gravata. (*Isto dizendo, tira do bolso um pente, com o qual penteia-se enquanto fala.*) Isto é o tormento da minha vida, companheiro da minha morte! Cosido na mortalha, pregado no caixão, enterrado na catacumba, fechado na caixinha dos ossos no dia de finados ouvirei ainda essa voz, mas então será furibunda, pavorosa e cadavérica, repetir: - Maricota não te ama! (*Engrossa a voz para dizer estas palavras.*) E serei o defunto o mais desgraçado! Não te comovem estas pinturas? Não te arrepiam as carnes?

---

<sup>4</sup> WILLIAMS, Tennessee. *O Anjo de Pedra*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1968, p. 131.

<sup>5</sup> PENA, Martins. Judas em Sábado de Aleluia. In: **Comédias de Martins Pena**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. , p. 90.

## *O SANTO INQUÉRITO*<sup>6</sup>

PADRE – Se aceitamos a sua existência como coisa natural, acabamos por admiti-lo como parceiro. Porque, não tenha dúvidas, o Diabo está a todo momento a nos rondar os passos, a se insinuar e a infiltra. E é principalmente os ingênuos, os sem-maldade, como você, que ele escolhe para seus agentes. É um erro imaginar que Satanás prefere os maus, os corruptos, os ateus. Engano. Satanás escolhe os bons, os inocentes, os puros, porque são eles muito úteis e insuspeitos na propagação de suas idéias. Repare que as grandes heresias surgem sempre de pessoas que pretendem salvar a humanidade. Por isso, quando encontro alguém que se julga tão próximo de Deus que pode até senti-lo em sua própria carne, no ar que respira, ou na água que bebe, temo por essa criatura. Porque ela deve estar na mira do Diabo.

## *A FALECIDA*<sup>7</sup>

PIMENTEL – Sim, porque, geralmente, antes do principal, sempre há uma conversinha, um namoro, um romance... E, com a Zulmira, não houve nada disso... Ah, eu me lembro como se fosse hoje. Direitinho. Foi mais ou menos há um ano. Sabe aquela sorveteria da Cinelândia, que fica perto do “Odeon”?

(...)

Pois é. Entrei na sorveteria e... Fui lá dentro... mas em vez de empurrar a porta dos “Cavalheiros”, empurrei a porta das “Senhoras”. Abri assim e dou de cara com uma dona que estava na pia, lavando as mãos... Eu ia voltar atrás, mas ah! Não sei o que houve comigo! Deu-me a louca e já sabe: atraquei a Fulana, em bruto. Quer dizer: não houve um “bom dia”, um “boa noite”, não houve uma palavra entre nós, nada.

---

<sup>6</sup> GOMES, Dias. *O Santo Inquérito*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 43.

<sup>7</sup> RODRIGUES, Nelson. A Falecida. In: **Nelson Rodrigues: teatro completo**. Rio de Janeiro: Aguilar, 2003, p. 768-679.



**Serviço Público Federal  
Universidade Federal da Bahia  
Escola de Teatro  
Colegiado de Graduação**

***A GRANDE ESTIAGEM***<sup>8</sup>

DO CARMO – Ora, mãe... A senhora acha mesmo que a gente pode ter esperança de alguma coisa? A seca quando chega a este ponto não poupa mais ninguém. Vai matando! Matando! Matando! A meninazinha! Tonho! Vai matando um por um! Quando não mata, faz ficar doido, como Chico Bento! Por que era então que a seca ia poupar Zacarias? Por quê? (Pausa). E o que é que vai ser da gente agora? Sem nada pra comer? A água, um restinho só! A esperança era Maria Rita e Zacarias! Zacarias ficou lá, morto! Maria Rita não trouxe nada! O que é que vai ser da gente? (Caindo num choro de desespero). O que é que vai ser da gente?

***JUDAS EM SÁBADO DE ALELUIA***<sup>9</sup>

MARICOTA – Desacreditar-me por namorar! E não namoram todas as moças? A diferença está em que umas são mais espertas do que outras. As estouvadas, como tu dizes que eu sou, namoram francamente, enquanto as sonsas vão pela calada. Tu mesma, com este ar de santinha – anda, faze-te vermelha! – talvez namores, e muito; e se eu não posso assegurar, é porque tu não és sincera como eu sou. Desengana-te, não há moça que não namore. A dissimulação de muitas é que faz duvidar de suas estrepolias. Apontas-me porventura uma só, que não tenha hora escolhida para chegar à janela, ou que não atormente ao pai ou à mãe para ir a este ou àquele baile, a esta ou àquela festa? (...) Vive na certeza, minha irmã, que moças dividem-se em duas classes: sonsas e sinceras... Mas que todas namoram.

---

8

FILHO, Isaac Gondim. *A Grande Estiagem*. Rio Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1973, p. 63.

<sup>9</sup> PENA, Martins. Judas em Sábado de Aleluia. In: **Comédias de Martins Pena**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., p. 87

### ***O SANTO INQUÉRITO***<sup>10</sup>

BRANCA – (Deitada de bruços, atrás da grade. Sua atitude revela abandono e perplexidade. Há um longo silêncio, antes que ela comece a falar.) Se ao menos eu pudesse ver o sol... (Pausa.) Será que é essa a melhor maneira de salvar uma criatura que está na mira do Diabo? Tirar-lhe o sol, o ar, o espaço e cerceá-la de trevas, trevas onde o Diabo é rei? (Dirige-se para à platéia.) Vêem vocês o que eles estão fazendo comigo? Estão me encurralando entre o Cão e a parede. Será que foi para isso que me prenderam aqui e me tiraram o sol, o ar, o espaço? Para que eu não pudesse fugir e tivesse de enfrentar o Diabo cara a cara. É justo, senhores, que para me livrar dele me entreguem a ele, noites e noites a sós com ele, sem saber por quê, nem até quando, sem uma explicação, uma palavra, uma palavra, ao menos. Não sei... não sei o que eles pretendem. (...).

### ***ESCOLA DE MULHERES***<sup>11</sup>

INÊS – “eu feri o coração de alguém?”, perguntei espantada. “Feriu”, me respondeu a velha, “e feriu seriamente. Falo daquele jovem que ontem, da varanda, você cumprimentou.” “Mas como?”, disse eu. “Qual foi a causa? Por acaso, se querer, deixei cair alguma coisa em cima dele?” “Não”, me respondeu a velha. “O golpe fatal partiu desses seus olhos: você fitou e ele sentiu o coração em chamas.” “Ai, meu Deus” – Eu estava cada vez mais espantada. Meus olhos expelem algum mal que vai ferir os outros!” “É isso concordou a velha. “Teus olhos, minha filha, têm a luz venenosa que você não conhece. Mas o fato é que o rapaz definha, o pobre miserável; e se, o que não creio”, continuou a caridosa velha, “teu coração cruel se recusar a consolá-lo, será entregue à terra dentro de poucos dias”. “Deus seja louvado”, respondi. “Eu sentiria muito. Que tenho de fazer para ajudá-lo?”

### ***A VINDA DO MESSIAS***<sup>12</sup>

ROSA – (*Entrando na sala, estranha e mística*) Será verdade, meu Deus?! A dona Lazineha falou tanta coisa estranha! Será que eu entendi direito? Ela disse que conversou com o meu Messias. Ela até mudou de voz. Pegou no lençol e começou a gemer. (*Luz apaga*) Uia, será que queimou o fusível? Deve ser. Mas eu não troco ele, não. Pode dar choque. Quando o Messias voltar, ele troca: é serviço de homem mesmo. (*Dirigindo-se para a janela*) Ui, que escuridão! ... e a Lazineha disse que ela vai voltar logo... no começo meu coração quase arrebentou de tanta emoção. (*Abre a janela e vai surgindo uma*

---

<sup>10</sup> GOMES, Dias. *O Santo Inquérito*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 67.

<sup>11</sup> MOLIÉRE. *Escola de Mulheres*. São Paulo: Círculo do Livro, 1974, p. 40

<sup>12</sup> WEHBI, Timochenco. A Vinda do Messias. In: **O teatro de Timochenco Wehbi**. São Paulo: Polis, s.d. , p. 41

*lua cinzento-nublada*) Virgem, parece que a lua vai ficar prateada de novo. Deve ser aviso do Messias, dizendo que vai voltar! Nun entendi tudo o que a Lazineira falou. Parecia uma voz de velha caipira...

### **CASAMENTO<sup>13</sup>**

Há mulheres que dizem:

Meu marido, se quiser pescar, pesque,  
mas que limpe os peixes.

Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,  
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.

É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,  
de vê em quando os cotovelos se esbarram,  
ele fala coisas como ‘este foi difícil’

‘prateou no ar dando rabanadas’  
e faz o gesto com a mão.

O silêncio de quando nos vimos pela primeira vez  
atravessa a cozinha como um rio profundo.

Por fim, os peixes na travessa,  
vamos dormir.

Coisas prateadas espocam:  
somos noivo e noiva.

---

<sup>13</sup> PRADO, Adélia. Casamento. In: **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 285.